

A neurose da economia brasileira

Márcio G. P. Garcia
30/11/2001

É próprio do comportamento neurótico não reconhecer a repetição de velhos comportamentos que no passado só redundaram em frustração. Quando confrontados com as evidências do retorno aos velhos hábitos, costuma -se alegar que "agora vai ser diferente". É exatamente isso o que se vê nas propostas econômicas que vêm ganhando alento com a proximidade das eleições.

Não há quem seja contra o crescimento econômico. O crescimento econômico é quase universalmente aceito como um bem para as nações, condição *sine qua non* para a melhoria da condição de vida de seus povos. Dada tal premissa, basta olhar os pífios números do crescimento econômico da economia brasileira após o Real para se concluir que não se pode estar satisfeito com os resultados da política econômica no que tange ao crescimento. Pode-se, e deve -se, relativizar tal desempenho medíocre lembrando -se do desempenho prévio ao real, que era ainda pior, além de estar combinado à megainflação. Não obstante, é da natureza humana olhar para frente e desejar sempre melhorar.

Portanto, não é de se estranhar que todos propugnem pela retomada do crescimento auto-sustentado. É justa a ansiedade para que deixemos finalmente de ser o país do futuro para nos tornarmos uma sociedade desenvolvida, sem tanta pobreza e miséria. Sem dúvida, o Brasil tem pressa.

Para que alcancemos de fato os objetivos almejados, é fundamental que a ansiedade deste momento não seja perdida na repetição neurótica de estratégias passadas que além de não terem levado ao crescimento econômico, também nos legaram o pesado fardo da megainflação, da qual só há poucos anos nos livramos. Mas a realidade que se vê na imprensa, partindo dos mais variados matizes ideológicos, aponta na direção contrária.

Recentemente, o conservador diário carioca O Globo (18/11/2001) realizou extensa entrevista com importante economista com direito à seguinte chamada na primeira página: "O brasileiro tem de perder o medo da inflação", diz o ex-ministro. Para ele, pior é pagar a estabilidade com desemprego. No outro extremo do espectro político, a Folha de São Paulo (25/11/2001) corrobora em editorial a idéia da morte da inflação: O risco de descontrole da inflação é nulo, embora seja verdade que são altas as chances de não ser cumprida a meta inflacionária fixada pela equipe econômica em sintonia com o FMI. São inúmeros os exemplos de que há um arco extenso de formadores de opinião dispostos a imolar a estabilidade no altar do crescimento.

Tal idéia é equivocada e extremamente nociva. A estabilidade não é um fim em si mesmo, mas a única fundação sobre a qual se pode erigir o crescimento. Achar que o desemprego pode ser combatido sistematicamente com inflação é uma idéia mais do que errada. Após a megainflação, nós deveríamos saber bem disso. No entanto, após anos de frustração quanto ao crescimento, tais idéias voltam a parecer atraentes para um público mais amplo.

Como é possível reduzir significativa e rapidamente os juros sem arriscar que a inflação volte a subir? Como aumentar os gastos públicos e os subsídios sem comprometer o equilíbrio fiscal? Como se fará a "nova" política industrial? Vão ser escolhidos os vencedores ou não? Como compatibilizar possíveis restrições comerciais, à guisa de apoio à substituição de importações, às normas da Organização Mundial do Comércio?

Estas são algumas das muitas perguntas que devem ser minuciosamente respondidas para que as propostas ora em discussão possam ser classificadas de novas, e não meramente de meras repetições do essencialmente equivocado em novas roupas. No entanto, o que se vê é o oposto. Aproveita -se do atual misto de desencanto e ansiedade para se atacar todo e qualquer aspecto

da atual política econômica, mesmo aqueles essencialmente corretos, como se a mera crítica "ao que está aí" pudesse conferir credibilidade a propostas intrinsecamente similares aos erros do passado.

O momento atual requer muita atenção. Sem a devida explicitação e discussão das propostas econômicas a serem seguidas pelo próximo presidente, seja de direita ou de esquerda, é grande o risco de que a repetição neurótica dos velhos hábitos venha a comprometer a estabilidade tão duramente alcançada. Se isso vier a ocorrer, só conseguiremos nos afastar ainda mais do almejado crescimento.

Márcio G. P. Garcia, PhD. por Stanford, é diretor do departamento de economia da PUC-Rio, pesquisador do CNPq e escreve mensalmente às sextas-feiras. Home page: www.econ.puc-rio.br/mgarcia